

Problemas em torno do licenciamento de obras em contexto urbano: o caso do Colégio Espírito Santo.

António DINIZ¹²⁶

Fábio JAULINO¹²⁷

Inês RIBEIRO¹²⁸

Inês AMARAL¹²⁹

Leonor ROCHA¹³⁰

Resumo

A Arqueologia Urbana apresenta problemas e dificuldades muito específicos devido à natureza de formação e alteração dos contextos arqueológicos, mas, também, inerentes ao próprio trabalho arqueológico.

Um dos principais problemas que apontamos é – para além das condições laborais dadas a muitos dos nossos pares – o tempo para a execução dos trabalhos, imposto pelas empresas de engenharia civil, que cumprem prazos apertados e requerem as intervenções arqueológicas ainda mais prontamente. A necessidade de preservar os vestígios pelo registo, e os achados pelo estudo.

Procuramos neste trabalho abordar várias problemáticas, desde o licenciamento à escavação tendo por exemplo a escavação recentemente realizada no âmbito de uma obra de remodelação das coberturas do Edifício do Colégio do Espírito Santo (Universidade de Évora) apresentando, também, os resultados obtidos através da análise do espólio recolhido e da estratigrafia identificada.

Palavras-Chave: Arqueologia urbana; Evolução urbana; Idade Moderna/ Contemporânea; Colégio do Espírito Santo; Évora.

Abstract

¹²⁶ Mestrando de Arqueologia /Universidade de Évora

¹²⁷ Mestrando de Arqueologia /Universidade de Évora

¹²⁸ Mestranda de Arqueologia /Universidade de Évora

¹²⁹ Mestranda de Arqueologia /Universidade de Évora

¹³⁰ Docente Universidade de Évora/ Departamento de História. Investigadora CEAACP/ UALg - UIBD/ ARQ/ 0281/ 2020 – FCT. Orcid: 0000-0003-0555-0960

Urban Archaeology presents very specific problems and difficulties due to the nature of formation and alteration of archaeological contexts, but, also, inherent to the archaeological work itself.

One of the main problems we point out is - besides the working conditions given to many of our peers - the time for the execution of the works, imposed by civil engineering companies, which meet tight deadlines and require the archaeological interventions even more promptly. The need to preserve the vestiges through registration, and the finds through study.

In this paper we try to approach several problems, from the licensing to the excavation, taking for example the excavation recently carried out in the context of a work of renovation of the roofs of the Colégio do Espírito Santo Building (University of Évora). We also present the results obtained through the analysis of the collected remains and the identified stratigraphy.

Keywords: Urban archaeology; Urban evolution; Modern/Contemporary Age; Colégio do Espírito Santo; Évora.

1. Obras *versus* Salvaguarda

O edifício do Colégio do Espírito Santo (doravante designado por CES) é o mais antigo da Universidade de Évora e apresentava, nos últimos anos, graves problemas de infiltrações de águas em algumas das suas salas pelo que se tornava urgente proceder à **substituição das coberturas**. O projeto de conservação e restauro “Substituição da cobertura e estrutura de suporte na zona envolvente ao pátio da reitoria do Colégio do Espírito Santo”, foi submetido à Direção Regional de Cultura do Alentejo para parecer por se tratar não só de um imóvel classificado mas, também, por se inserir na área urbana classificada como Património da Humanidade pela Unesco, desde 1986.

Este tipo de obras não envolve, por norma, trabalhos intrusivos no solo, por se tratar de **arranjos a nível da cobertura, mas, nem sempre é assim...pelo que cada obra deve ser minuciosamente analisada e avaliada**. No caso concreto, a Memória Justificativa referia dois aspetos essenciais, no ponto 3.1 Capítulo I – Estaleiro, i) *a necessidade de se proceder à instalação de um estaleiro* e, ii) dada a dimensão destes espaços em termos de **altimetria e planimetria** “Será montada uma grua torre de apoio à intervenção” (AOF, 2021: 3). Apesar destas duas referências, a empreitada foi aprovada sem qualquer condicionante arqueológica.

Neste caso, por se tratar de uma entidade que tem especiais responsabilidades em termos de Património, tanto mais que possui uma formação de graduação e pós-graduação em Arqueologia, foi solicitado a um dos signatários (LR) que avaliasse e acompanhasse o local onde se iria colocar a grua, uma vez que o estaleiro não colocava qualquer tipo de impactes, pelo local onde foi instalado e ser uma estrutura amovível que apenas assentava no piso térreo, de forma totalmente superficial. Já a avaliação do local da sapata para a grua (fig. 1) permitiu perceber, logo no primeiro momento, que era uma área de elevada sensibilidade arqueológica, a menos de 5m da muralha romana e, dada a dimensão da grua, exigia a abertura de uma caixa para construção de uma sapata em betão armado junto ao edifício do CES (similar à que foi construída na obra adjacente, da Igreja do Espírito Santo), pelo que se solicitou, de imediato, que os trabalhos fossem suspensos para que se pudesse apresentar um pedido de autorização de trabalhos arqueológicos (PATA) à Direção Geral do Património Cultural (DGPC).

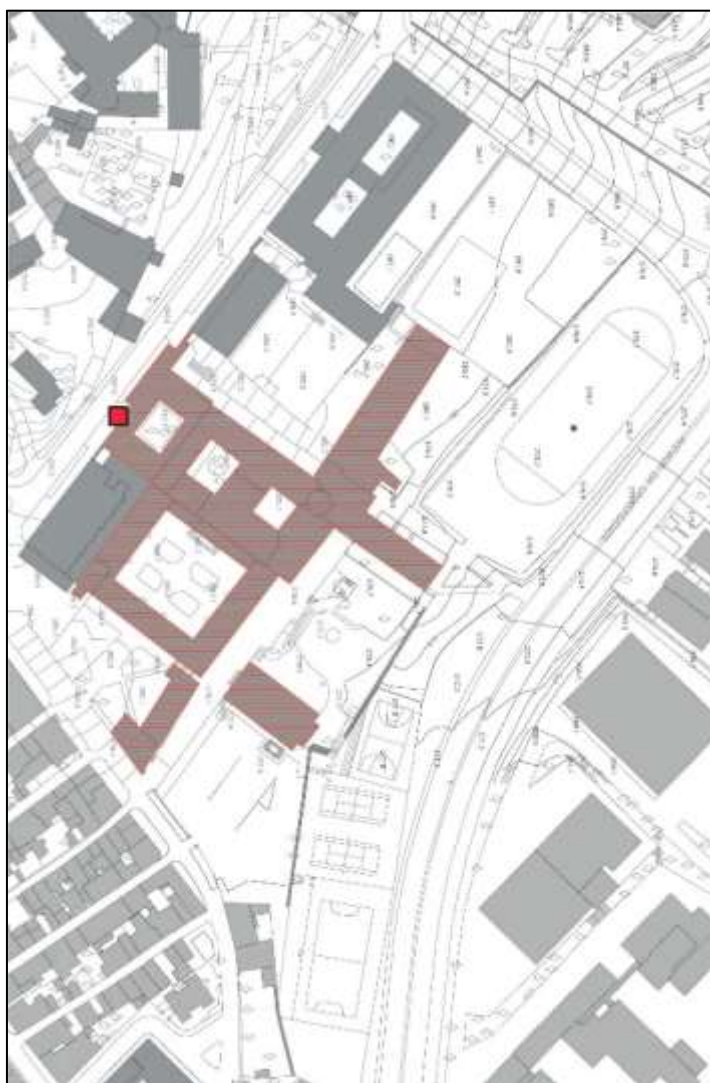


Figura 1. ■ Localização da grua, na rua dos Colegiais

2. A intervenção no Colégio do Espírito Santo (CES)

2.1. Os trabalhos arqueológicos



Figura 2. Fotografia antiga (meados séc. XX) da rua dos Colegiais (@CME).



Figura 3. Fotografia atual da rua dos Colegiais.

Atendendo à elevada sensibilidade desta área, pese embora fotografias antigas comprovarem que existiram muitas transformações, como se pode verificar na comparação das fotografias (fig. 2 e fig. 3) optou-se por não se realizar apenas o acompanhamento destes trabalhos, mas realizar a abertura da caixa através de uma escavação manual, com registo integral das Unidades Arqueológicas através de fotografia e desenho planimétrico, seguindo, sempre que possível, os pressupostos metodológicos propostos por Barker (BARKER, 1989) e Harris (HARRIS, 1991). Por outro lado, o local proposto para a implantação da sapata encontrava-se a cerca de 25m do limite traseiro da Igreja do Espírito Santo, pelo que um dos problemas que se poderia vir a registar seria a existência de algumas sepulturas conservadas nesta área. Nesse caso, os trabalhos também teriam de contar com a componente antropológica que, mais uma vez, seria assegurada internamente (Prof.^a Teresa Matos Fernandes), uma vez que a Universidade de Évora também tem uma formação nessa área, realidade que acabou por não ser identificada.

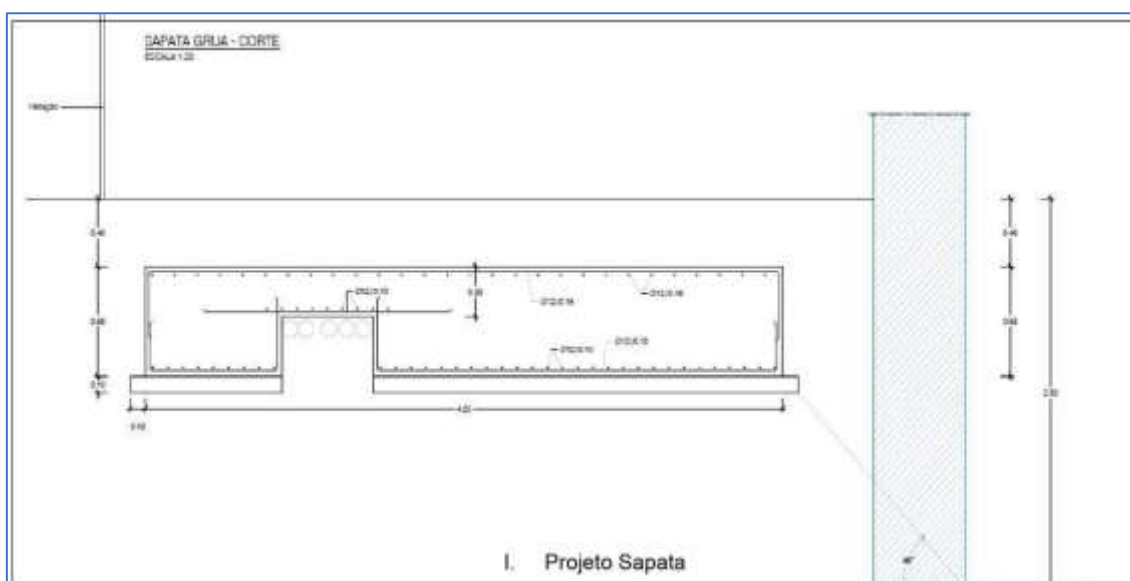


Figura 4. Projeto da sapata (@AOF).

Os primeiros trabalhos consistiram na remoção da calçada existente e delimitação da área necessária para a abertura da sapata, que correspondia sensivelmente a um quadrado com cerca de 4, 20m x 4,25m e deveria atingir uma profundidade de 1m, de acordo com o projeto apresentado pela empresa AOF (fig. 4). Posteriormente, procedeu-se à escavação manual desta área, com a remoção de todos os níveis. Apesar de não se ter utilizado crivo, as terras foram revistas de forma minuciosa realizando-se o descarte de algum material (sobretudo de construção).

A escavação realizada permitiu identificar um conjunto de unidades estratigráficas (U.E.s), algumas das quais não foi possível compreender a sua dimensão e/ou função, atendendo à reduzida área intervencionada.

2.2.1. UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS

[00] Calçada de granito;

[01] Embasamento da calçada, composta por areias, pouco compactas e de tom acinzentado;

[02] Camada mista que resulta de revolvimentos (entulhos) da junção de vários tipos/fases de obras, razão pela qual apresenta áreas mais compactas, com mais pedras e, outras áreas com sedimentos mais soltos, menos pedras e de pequenas dimensões. Toda a camada possuía materiais arqueológicos;

[03] **Enchimento da vala técnica, composta pelos cortes de todas as U.E.'s, para a passagem de cabos de eletricidade e telecomunicações [4], com uma profundidade de 0,70m a SE e, 0,75m a NW. Com materiais arqueológicos misturados de diferentes tipologias e cronologias. No topo desta unidade e como previsto em termos legais para assinalar a existência da passagem de cabos elétricos, existia rede de cor laranja e verde;**

[04] Tubos de eletricidade e telecomunicações envoltos em areias de cor amarelada;

[05] Unidade negativa. Corresponde à vala técnica preenchida pela [3] e [4];

[06] Sondagem geológica, com 4,5cm de diâmetro. Segundo informação que nos foi transmitida, permitiu verificar que o substrato rochoso, compacto se encontra a cerca de 7m de profundidade, informação que será relevante para a compreensão do possível potencial arqueológico nesta área exterior, mas contígua, à muralha romana;

[07] Restos de uma camada de terras compactas, composta por barro, com inserções de cerâmica e pedra miúda/gravilha, identificada no lado Este;

[08] Parte de uma fundação, com orientação SE-NW, colocada paralelamente à parede do Colégio do Espírito Santo (lado Este). Tem 0,50 m de largura, junto ao limite NW, e 0,40 m no limite oposto, e 0,86 m de comprimento. É composta por cal argamassada, areias, fragmentos de tijolo de burro, cerâmica e pedaços de granito;

[09] Restos de um piso de barro muito compacto, alisado e plano identificado no lado Este;

[10] Restos de uma camada que se apresenta irregular, com restos/nódulos da [8], bem como pedras (eventualmente roladas, pertencentes a uma calçada mais antiga),

cerâmica comum incluindo bordos, telhas em conexão, tudo envolto numa terra castanha bastante solta. Identificado no lado Este;

[11] Pedra de granito no limite NW da escavação, alongada e paralelepípedica. Cortada pela [5];

[12] Unidade que corresponde a um pavimento de barro compactado, com muitos materiais arqueológicos – identificada em toda a área da sondagem. Cortada pela [5];

[13] Camada de pavimento bastante compacto à superfície, barro argamassado, constituído por pedras, fragmentos de cerâmica, metais e restos osteológicos (faunísticos). Composição muito semelhante à [12] – identificada em toda a área da sondagem. Cortada pela [5];

[14] Pavimento argiloso, compacto, pedra miúda, de tonalidade mais clara que as U.E.'s anteriores. Diferentes tipos de deposição dos restos faunísticos, ou seja, momentos de deposição distintos – identificada no lado Norte da sondagem. O corte provocado pela [5] não nos permite perceber o seu contacto e limite em relação à [15];

[15] Camada composta por terra e pedra miúda e média, com algum material de construção, nomeadamente telhas e estuque – identificada em toda a área da sondagem. Cortada pela [5];

[16] Camada bastante escura, coberta por carvões que poderão corresponder a um incêndio generalizado, pouco compacta e com materiais cerâmicos e bastantes restos faunísticos – identificada em toda a área da sondagem. Cortada pela [5];

[17] Piso de terra batida, muito compacto, de tonalidade castanho-claro, argiloso e com grãos de areia fina. Escasso em espólio, com algum material de construção. Sobre este pavimento assenta a estrutura [8] – identificada em toda a área da sondagem. Cortada pela [5];

[18] Camada de tonalidade castanho-claro, escassa em espólio. Camada semelhante à [17] – identificada em toda a área da sondagem. Cortada pela [5];

[19] Última camada, não escavada, correspondendo a mais um piso de terra batida, de cor castanho-claro. Camada semelhante à [17].

De um modo geral, as unidades registadas comprovam um significativo conjunto alterações/ remodelações deste espaço. As primeiras unidades que se registaram, da [00] à [06] são de atividade humana recente, ou seja, a calçada, o embasamento da calçada, a vala para a passagem dos tubos elétricos e de telecomunicações e o seu respetivo enchimento, e uma sondagem geológica (com cerca de 5cm de diâmetro)

na escavação, era bastante profunda assentando sobre a [17], podendo a sua construção balizar-se, sem mais dados, entre os séculos XVII e XVIII.

As unidades [09] e [10] estão estratigraficamente encostadas, mas ligeiramente diferentes na sua composição. A primeira corresponde a restos de um piso de barro bastante compacto, alisado e plano, cujos materiais remetiam igualmente para os séculos XIX e XX. A [10] era semelhante, mas apresentava-se mais irregular, com restos de argamassa e materiais de construção possivelmente pertencentes a derrubes da [08]. A unidade [11] é uma unidade estrutural, recente, identificada nos cortes Oeste e Sul. Trata-se de um aglomerado de granito (vigas) unido por cimento, sem ser possível identificar a sua funcionalidade. A cronologia desta unidade encaixa dentro do século XX.

A partir da U.E. [12] até á U.E. [19] começamos a registar uma sucessão de pisos, na sua maioria, de terra bastante compacta. Dentro deste conjunto, a unidade [12] destacou-se devido à grande abundância de materiais, desde fauna a material cerâmico e metálico, que a remetem para um contexto dentro dos finais do século XVII/ XVIII. Outra unidade a salientar é a [16], que corresponde a uma camada de contexto doméstico, com grande abundância de fauna e telhas de meia cana e que apresentava evidências claras de um incêndio. Efetivamente, a abundância e a disposição das telhas são compatíveis com o derrube de um telhado e as marcas de fogo, com forte presença de carvões e manchas escuras comprovam esta observação.



Figura 6. Vista final da [8], e corte Oeste.



Figura 7. Pormenor do corte Sul



Figura 8. Corte Norte.



Figura 9. Armação de ferro para o betão.

2.2. Os materiais

O espólio recolhido era, em termos gerais, bastante diversificado com cerâmicas de construção e comuns, onde se inclui faianças e vidrados, vidros, metal (parafusos, pregos, agulhas/alfinetes e indeterminados), objetos de adorno (anéis, brincos e botões), fauna mamalógica, malacofauna (*pécten* e *acanthocardia*) e ictiofauna. Foi tratado e inventariado pelos signatários no Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro.

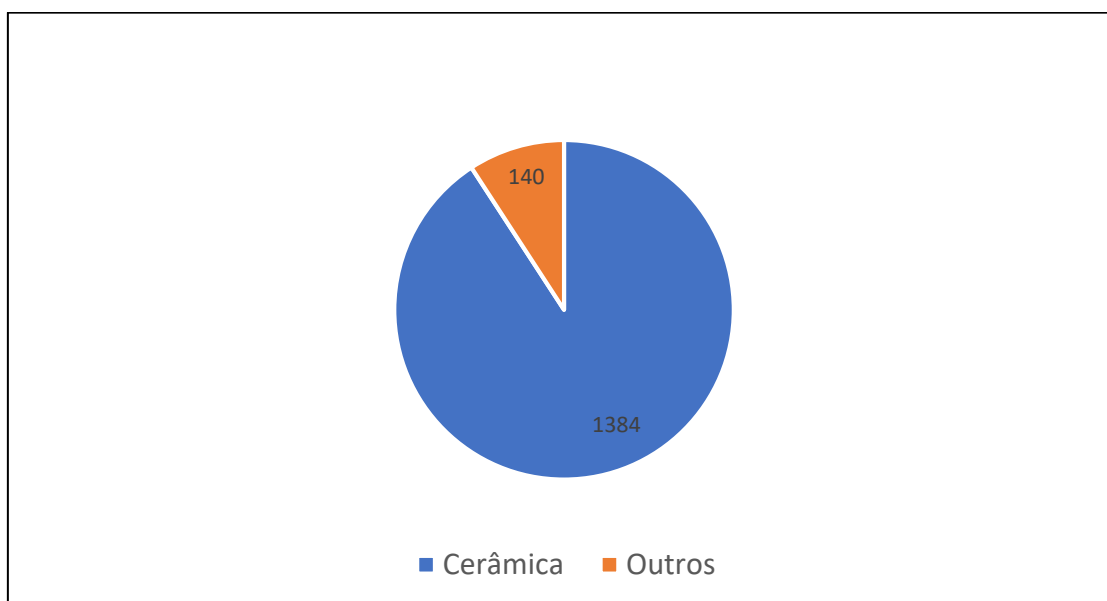


Gráfico 1: Total do espólio recolhido

As peças foram divididas em Cerâmicas e Outros, esta última categoria abrangendo, em termos de matérias primas, líticos, metais, vidros e outros objetos encontrados (Gráfico 1).

2.2.1. O conjunto cerâmico

Relativamente às cerâmicas, foram inventariadas e analisadas as peças com atributos tipológicos identificáveis (fundos, bordos, asas, tampas) ou decoradas/pintadas, num total de 521 peças. Os bojos foram apenas contabilizados, por unidade estratigráfica, para efeitos estatísticos, num total de 982 fragmentos. De realçar que este número era superior, mas foi realizado o descarte *in situ* de algum espólio, como o material de construção – recolhendo-se apenas peças menos fragmentadas e mais significativas, por unidade – e bojos, de pequena dimensão, que não revelavam informação.

O conjunto de materiais cerâmicos identificados foram divididos em 8 tipos, Imitação de *Terra Sigillata*, Faiança, Cerâmica Vidrada, Cerâmica de Nisa, Porcelana, Cerâmica comum, *Terra Sigillata*, Cerâmica Majólica e Cerâmica Marmoreada. Como se pode observar no Gráfico 2, existe um natural predomínio da cerâmica comum e das faianças, compatível com cronologias mais recentes.

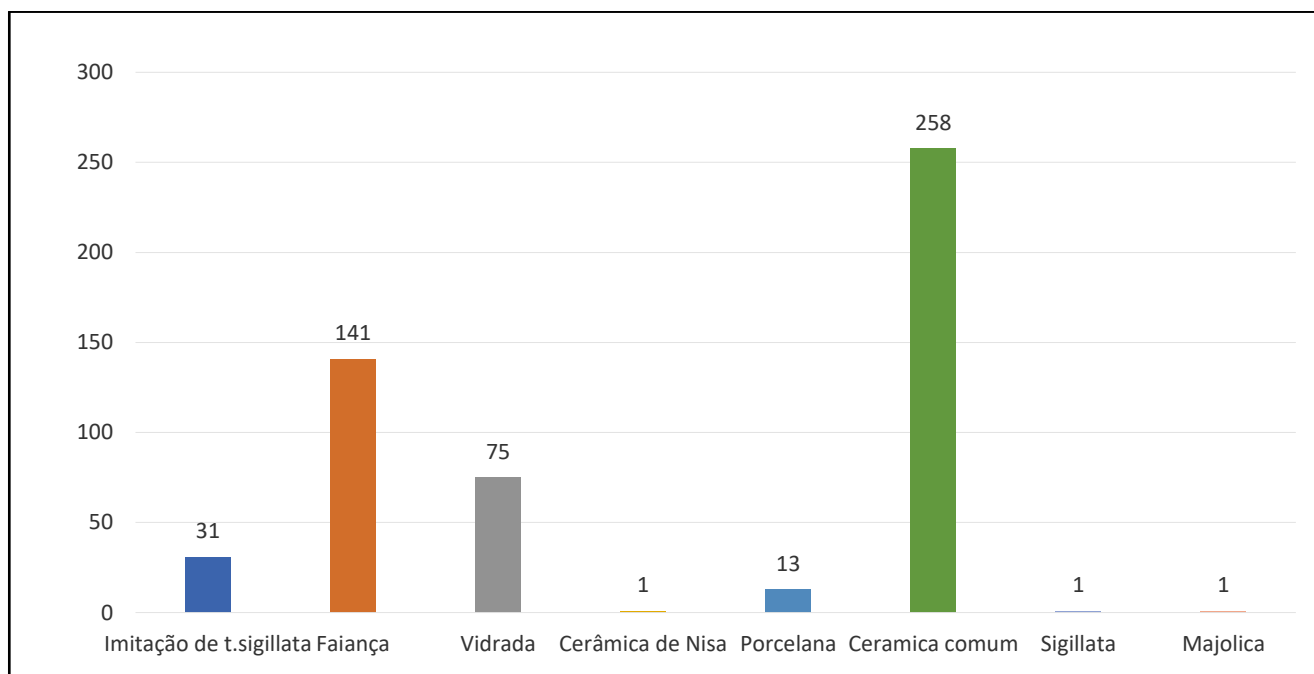


Gráfico 2: Total de cerâmicas

Em relação à forma das peças estas agruparam-se em 9 tipos (Gráfico 3), com maior representatividade de bojos, bordos, asas e fundos.

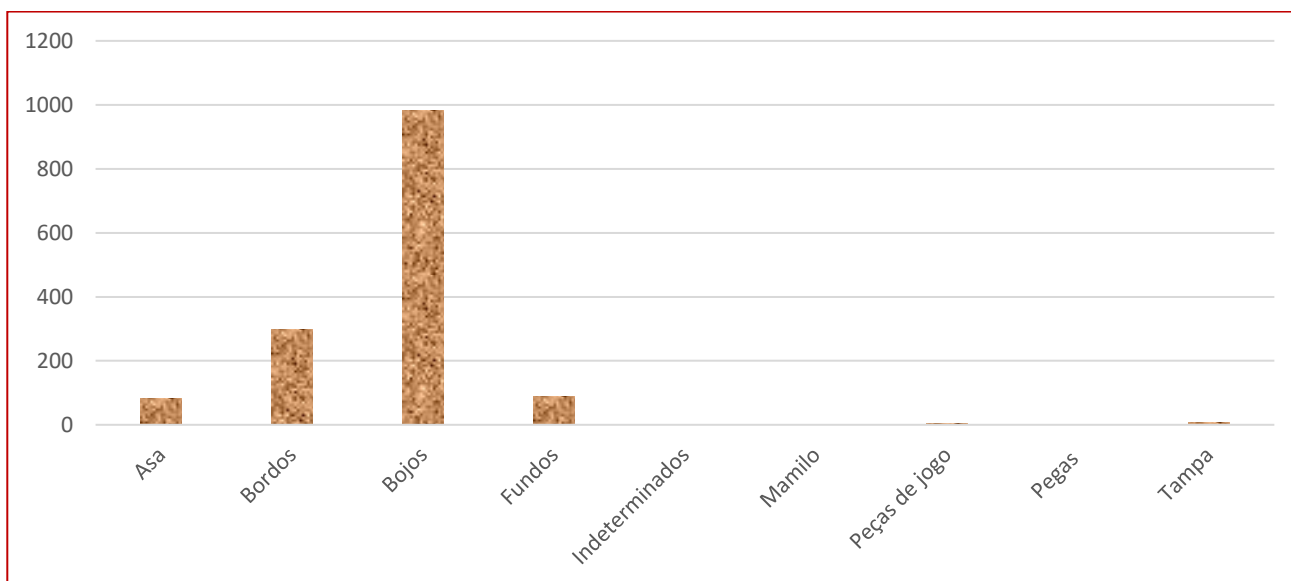


Gráfico 3: Formas identificadas

Estas formas, do ponto de vista tipológico correspondem maioritariamente a recipientes abertos como alguidares, pratos, travessas, taças e tijelas. A cerâmica comum mais presente em alguidares pratos e as faianças em loiça de mesa, como pratos, tijelas e travessas.

O estudo das pastas, através da análise do tipo de tratamento de superfície, a quantidade e tamanho dos ENP's e o tipo de cozedura incidiu apenas, como se referiu anteriormente, no conjunto cerâmico inventariado, ou seja, não incluiu os bojós.

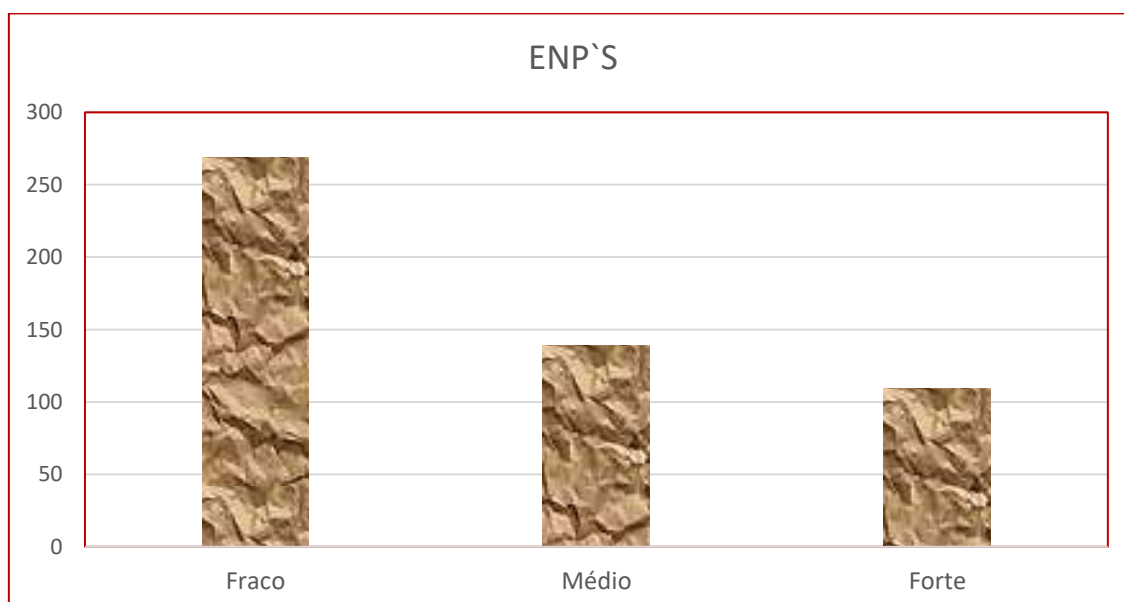


Gráfico 4: Elementos não plásticos

Os ENP's presentes nas pastas analisados são maioritariamente escassos, situação compatível com pastas bem depuradas, presentes no conjunto cerâmico existente em contextos modernos/contemporâneos.



Gráfico 5: Tipos de cozeduras

Em relação ao tipo de cozedura, existe um claro predomínio das cozeduras oxidantes (Gráfico 5) que resultam em peças mais ou menos alaranjadas.

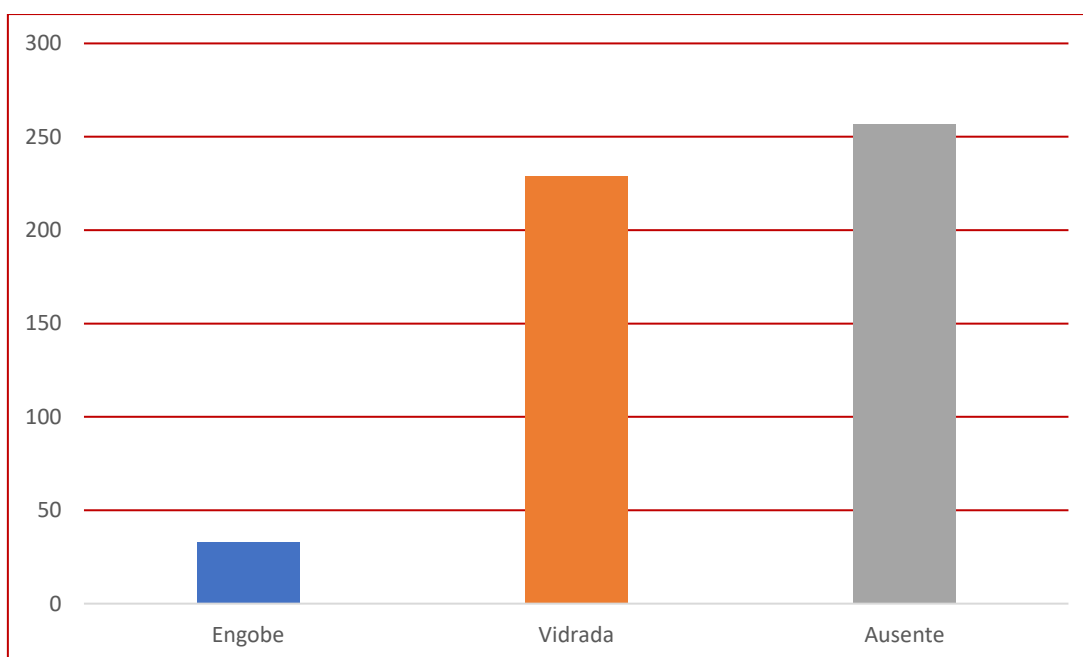


Gráfico 6: Tipos de acabamento

Em relação aos tratamentos de superfície (Gráfico 6), a maioria dos fragmentos parece não ter qualquer tratamento. O grupo das faianças é aqui bastante expressivo

atendendo à área intervencionada apresentando a maioria motivos pintados, sobretudo dentro de tons azulados.



Figura 10. Faianças [13]



Figura 11. Alguidar [15].



11 12
Figura 12. Taça vidrada interior [15]



13
Figura 13. Bordo cerâmica majólica [15].



14
Figura 14. Bojo cerâmica vermelha com aplique [19]

2.2.2. Outros espólios

Dentro da categoria “Outros”, foram contabilizadas 162 peças, agrupando-se por tipologias (Gráfico 7) e unidades estratigráficas (Gráfico 8). Dentro destes materiais destacam-se numericamente os pregos (54) e os vidros (36). Elementos mais interessantes neste conjunto são, sem dúvida, um fragmento de cachimbo, a presença de agulhas e alfinetes, uma possível pulseira ou terço e um anel em prata, onde é possível identificar a inscrição “Ave Maria”. Existem também 4 fragmentos de finas chapas em metal (bronze e prata?) que poderão corresponder a restos de objetos de adorno, eventualmente anéis.

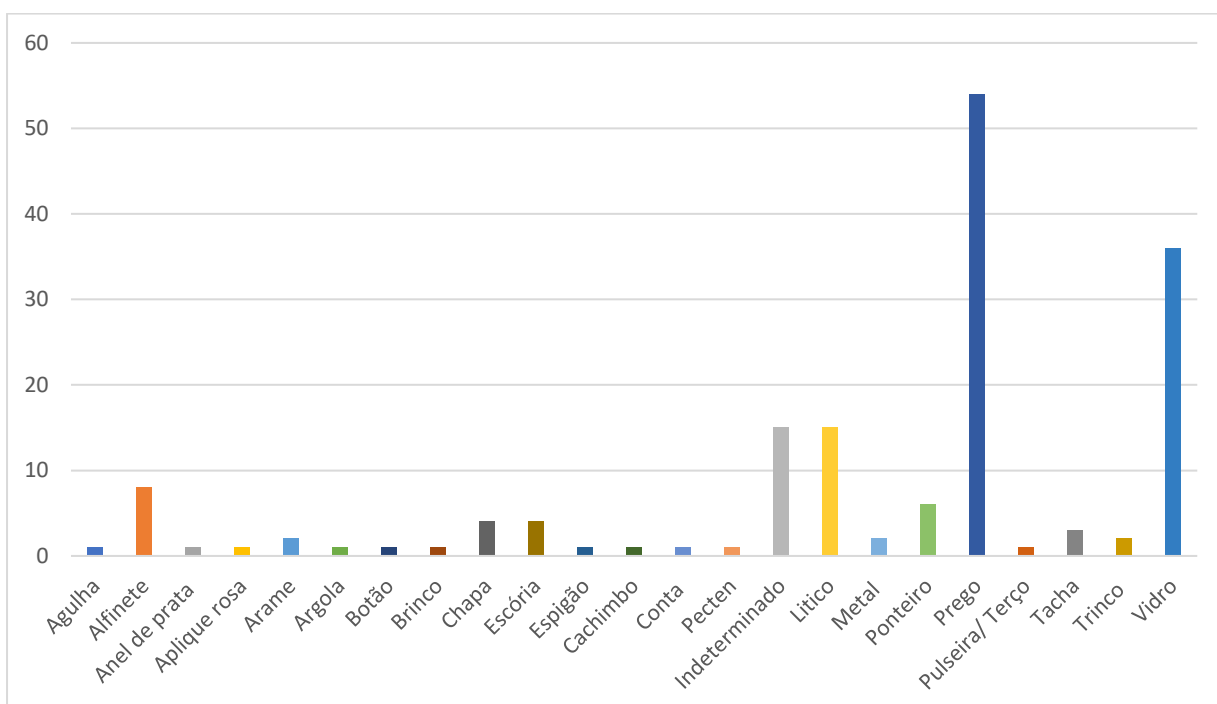


Gráfico 7: Categoria “Outros”: os tipos identificados



Figura 15. Pregos [3].



Figura 16. Trinco de fechadura [22]



Figura 17. Fragmento de terço ou pulseira [2]



Figura 18. Brinco [18].



Figura 19. Anel [12]



Figura 20. Fragmento de conta [12].



Figura 21. Botão [3]



Figura 22. Fragmento de "pipa" de cachimbo [12].



Figura 23. Argola em cobre [12]



Figura 24. Metais [13].



Figura 25. Fragmentos de chapas, em metal [16]



Figura 26. Agulha [16].



Figura 27. Agulha e indeterminados [13]



Figura 28. Vidros [13].



Figura 29. Pederneira (sílex) [13]

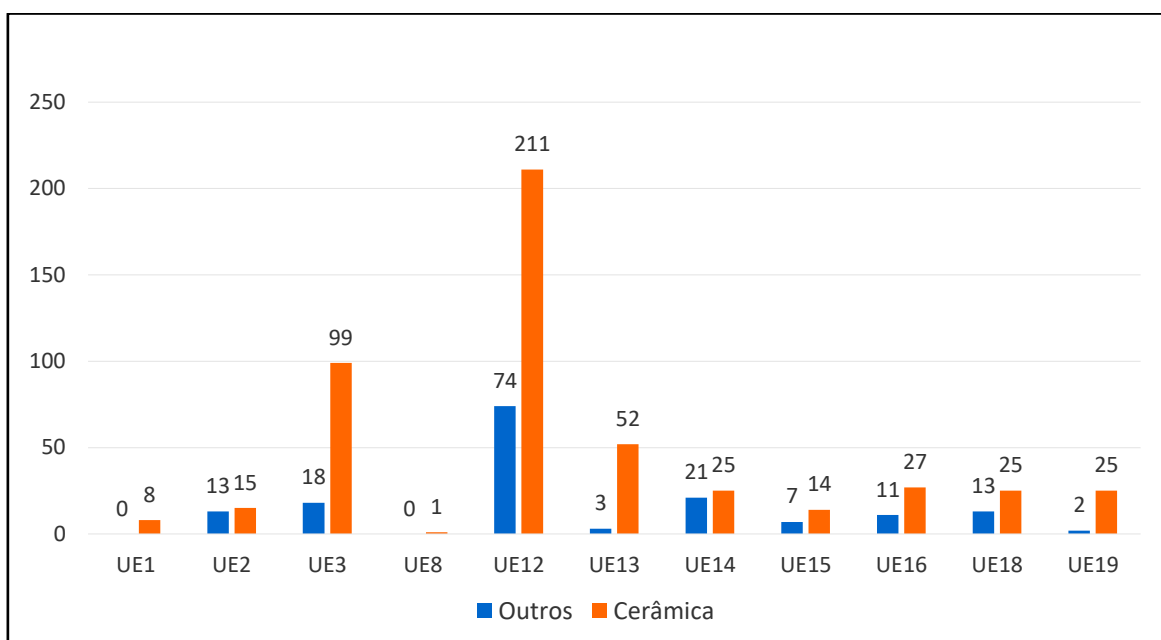


Gráfico 8: Total de espólio recolhido por U.E.

Na análise global do espólio recuperado por unidade estratigráfica (Gráfico 8) destaca-se a UE12, um piso cuja funcionalidade não nos foi possível apurar, mas que nos parece ser doméstico e, a UE3, que resulta de uma perturbação ocorrida muito provavelmente na segunda metade do séc. XX, para colocação de infraestruturas.

2.2.3. Fauna

Relativamente à fauna, identificaram-se espécies de consumo doméstico, nomeadamente bovinos, suínos e ovi-caprinos, mas também animais de estimação, ou associados aos transportes quer fosse em contexto de trabalho, quer fosse de lazer, como o cavalo/burro. Estes contextos serão abordados em publicação específica (Valente *et al*, 2022).

3. Considerações finais

A construção do conjunto de edifícios que compõem o Colégio e a Igreja do Espírito Santo, pela área abrangida intra-muralhas terá necessariamente de ter obrigado a alterações na malha urbana existente. As fontes remetem-nos, desde logo para a destruição de estruturas religiosas e outras casas associadas, para a edificação do Colégio do Espírito Santo, mas especialmente da Igreja. Nos séculos seguintes, com o crescimento da cidade e as alterações funcionais que se realizaram, houve naturalmente que se proceder a obras nesta área que conduziram a restauros e/ou alterações nas vias públicas, em novas demolições do edificado junto às muralhas, em reabilitação de espaços que também conduziram, muitas vezes, a alterações dos espaços interiores e exteriores das casas, palácios e estruturas religiosas mas, também, a modelação do terreno, quer fosse para espaços verdes (jardins e hortas), quer fosse para permitir os trabalhos de construção civil. Uma cidade com pelo menos dois mil anos de história, é uma urbe viva sendo a destruição, construção e reconstrução um ato recorrente, dentro do espírito da norma (e legislação) existente que não impedia este tipo de reorganizações urbanas. A comparação da situação na Rua dos Colegiais, entre os meados do século XX e a atualidade (fig.2 e 3), num espaço temporal de menos de um século, é testemunho destas reorganizações. Efetivamente, não só a topografia da área foi alterada como, também, o edifício do Seminário Maior contíguo ao Colégio do Espírito Santo, teve alterações estruturais na sua fachada que recua, são abertas mais janelas e é construído um muro novo, junto ao passeio.

Naturalmente que o evoluir da sociedade se traduziu em medidas de proteção ao património, essenciais para se compreender a evolução interna das cidades e que no caso de Évora, por ser Património da Humanidade, acaba por ter (ou dever ter) maior responsabilidade na sua salvaguarda, por parte dos diferentes agentes que têm responsabilidade sobre o licenciamento desta obras, nomeadamente a autarquia e a Direção Regional de Cultura.

Em termos globais, o licenciamento das obras é atualmente um problema em Portugal, pela falta de homogeneização de critérios e aplicação da lei, por parte dos serviços da administração pública. A análise de um pedido de licenciamento acaba por ficar, na maior parte dos casos, dependente do técnico que analisa o processo, que podem diferir entre autarquias contíguas, ou entre diferentes Direções Regionais de Cultura, o que não só condiciona todo o processo como lhe introduz discricionariedade.

No caso em análise, esta obra que obrigava à colocação de uma grua, poderia ter sido realizada uma vez que não teve qualquer condicionante arqueológica. Apenas a responsabilidade social e patrimonial da Universidade de Évora travou este processo e decidiu, como seria natural, que a abertura de uma caixa com cerca de 17m² de área e 1m de profundidade deveria ser arqueologicamente intervencionada.

Em sentido inverso, não se percebe, por exemplo, o não cruzamento dos projetos com dados documentais (fotos antigas – como a figura 2 em que se pode verificar alterações substanciais na rua dos Colegiais em meados do século XX – de relatórios ou outras fontes escritas) que se traduz, na prática, com a imposição de acompanhamento arqueológico em áreas profundamente alterados por trabalhos realizados em séculos anteriores, que já foram analisadas no contexto de outras obras (Rocha *et al*, 2019) ou, ainda, a solicitação de trabalhos arqueológicos em trabalhos de reabilitação habitacional em que a afetação no pavimento atual se restringe à substituição de **canalizações...**

Pese embora os trabalhos que realizamos no CES terem incidido sobre uma área restrita (17,64m²), pudemos sem dúvida registar a existência de uma grande dinâmica urbana comprovada através dos diferentes pisos/ pavimentos identificados e do espólio recolhido.

O conjunto de fragmentos recuperados permite-nos ter uma ideia das formas, essencialmente de pequena dimensão e que, em termos gerais, nos remete para conjuntos compatíveis com contextos domésticos (serviço de cozinha e de mesa), com uma relativa abundância de faianças, mas com poucas peças em vidro.

A decoração existente é diversificada, com pinturas em tons de azul (faianças), vidrados e decoração plástica cerâmicas finas vermelhas – que apesar de percentualmente residuais nos permitem estabelecer alguns paralelos. Os apliques de figuras religiosas (anjos), como o da figura 14, é um dos motivos que se identificam em arquiteturas religiosas, como conventos e igrejas, um pouco por todo o país, em contextos maioritariamente associados ao séc. XVII (Castro e Sebastian, 2011).

Relativamente à fauna, a grande variedade de espécies identificadas, traduz padrões de consumo bastante diversificados (Valente *et al*, 2022).

Como referimos, a área escavada no âmbito deste trabalho, não nos permitiu perceber a natureza funcional da maior parte das unidades registadas neste espaço, sendo, no entanto, claro que alguns deles correspondiam a espaços habitacionais e que num

existiu um episódio de incêndio que provocou a derrocada do telhado [16]. Foi igualmente importante registar a inexistência de sepulturas nesta área que se encontra a cerca de 25m da parede exterior da Igreja do CES. Pese embora estas restrições, o conjunto material recuperado até à profundidade intervencionada (1m), remete-nos para contextos ocupacionais entre os séculos XVI e XX. A presença de alguns tipos de cerâmicas, mais características de contextos monásticos, como a cerâmica marmoreada (balizada entre o século XVI e XVII), as imitações de terra sigillata (também dentro do século XVI) e ainda a presença de cerâmicas vermelhas finas não vidradas, com apliques (2ª metade do século XVII), constituem interessantes indicadores das funcionalidades e do estatuto social das pessoas que residiam nesta área.

Esperamos com este trabalho e o estudo dos espólios arqueológicos e faunísticos recuperados contribuir para a história da cidade de Évora.

Bibliografia

- AAVV (1959) – *Número comemorativo do Quadricentenário de Fundação da Universidade de Évora*. Évora: Comissão Municipal de Turismo.
- AOF (2021) - *Empreitada de substituição da cobertura na zona envolvente ao pátio da reitoria do colégio do espírito santo. Memória descritiva do modo de execução da obra*. Braga.
- BALESTEROS, C; SARANTOPOULOS, P. (2000) - *Acompanhamento arqueológico de remoção de terras escavadas em 1993*. Acessível nos Arquivos da DGPC, Lisboa, Portugal.
- BORGES, A.M. (1988) – *Colégio do Espírito Santo. Alguns elementos sobre a sua fundação*. Évora: Universidade de Évora.
- CAEIRO, J.O. (1993) – *Intervenção arqueológica de emergência no Colégio do Espírito Santo*. Acessível nos Arquivos da DGPC, Lisboa, Portugal.
- CASTRO, Ana Sampaio; SEBASTIAN, Luís (2011) – Cerâmicas vermelhas finas não vidradas do Mosteiro de S. João de Tarouca. *Oppidum*. 6. Nº 5, p. 85-100.
- CONDE, A; SOARES, J; RODRIGUES, P. (2012) – Os colégios da Universidade de Évora: Recriação, Evocação e Capricho. *Universidade de Évora (1559-2009). 450 anos de modernidade educativa*. Coord. Sara M. Pereira e Francisco L. Vaz. [s.l]: Chiado Editora, p. 447- 472.

- ESPANCA, T. (1966) – *Inventário Artístico de Portugal. Concelho de Évora*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes.
- GROMICHO, A. B. (1944) – *Da Universidade de Évora*. Évora: [s.n].
- LEAL, A.P. (s.d) – *Diccionario Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Editora Mattos Moreira & Companhia.
- LOBO, R. (2009) – *O Colégio-Universidade do Espírito Santo de Évora*. Évora: CHAIA/Universidade de Évora.
- LOBO, R. (2012) – “Fica este grande pateo tam aparatoso à vista”. O Colégio-Universidade do Espírito Santo de Évora. Os colégios da Universidade de Évora: Recriação, Evocação e Capricho. *Universidade de Évora (1559-2009). 450 anos de modernidade educativa*. Coord. Sara M. Pereira e Francisco L. Vaz. [s.l]: Chiado Editora, p. 473 - 488.
- MENDEIROS, J. F. (Mons) (s.d.) – *Roteiro Histórico dos Jesuítas em Évora* [s.l.: s.n.]
- MONIZ, G. C (2012) - Do Colégio ao Liceu: a construção do Programa Liceal. Os colégios da Universidade de Évora: Recriação, Evocação e Capricho. *Universidade de Évora (1559-2009). 450 anos de modernidade educativa*. Coord. Sara M. Pereira e Francisco L. Vaz. [s.l]: Chiado Editora, p. 567 - 588.
- OLIVEIRA, J; ROCHA, L. (2017) - *Acompanhamento arqueológico da abertura de vala no Colégio do Espírito Santo – Universidade de Évora*. Relatório Final. Acessível nos Arquivos da DGPC, Lisboa, Portugal.
- ROCHA, L; OLIVEIRA, J; CARNEIRO, A; BALESTEROS, C. (2019) - Gestão e salvaguarda do património arqueológico: o caso da Universidade de Évora (Portugal). *Scientia Antiquitatis*. 1/2019. Évora, p. 113-152.
- SANTA MARIA, A. (Frei) (1711) – *Santuário Mariano e História das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora*. Lisboa: [s.l.]
- VALENTE, M^a J.; JAULINO, F; DINIZ, A.; RIBEIRO, I; ROCHA, I. (2022) - Contributo para o conhecimento da alimentação eborense em contextos modernos: estudo de materiais zooarqueológicos do Colégio do Espírito Santo. *Scientia Antiquitatis*. 1/2022. Évora, p.